Avaliação da Aprendizagem em Educação Física

Lucielena Guerra Corrêa

I - Introdução

Inserida no contexto geral da Educação, a avaliação da aprendizagem se constitui numa prática há muito não tem contribuído para a formação de seres críticos, contextualizados e conscientes das contradições sociais.

As pedagogias que vêm norteando as instituições escolares possuem características ideológicas próprias do sistema capitalista, as quais estão a serviço de um modelo social dominante que, segundo *Luckesi (1992)* é "liberal conservador". Por liberal conservador, entendemos um modelo de sociedade, nascido no sistema capitalista, que tem por finalidade ajustar o homem aos padrões ideais estabelecidos por ela. Portanto, os pressupostos que interferem na avaliação educacional estão intimamente ligados aos interesses da sociedade onde a escola está inserida, seus valores, suas perspectivas políticas.

A nossa intenção, ao realizar esse estudo sobre avaliação da aprendizagem em Educação Física no âmbito escolar, é a de oferecer subsídios para a compreensão desse fenômeno que hoje é colocado como mito e que para desmitificá-lo temos que tomar consciência da nossa concepção de educação, de ensino e de avaliação, reflexo da nossa história de vida como aluno e professor, para não reproduzirmos "inconscientemente, a arbitrariedade e o autoritarismo que contestamos pelo discurso." *(Hoffmann, 1991, p. 12, 13).*

Lucielena Guerra Corrêa

Professora Licenciada em Educação Física e Pós-Graduação em Pensamento Pedagógico Brasileiro em Educação Física (UFES); Membro da Equipe Multidisciplinar e Ensino Rural; Departamento de Apoio Técnico e Pedagógico (DAT); Secretaria de Estado da Educação e Cultura (SEDU) Vitória/ES.

Através desse estudo procuramos levantar manifestações que focalizem a dimensão política da avaliação da aprendizagem em Educação e em Educação Física especialmente, e tentamos desvelar quais as intenções ocultas da avaliação e sua relação com o processo ensino aprendizagem. Necessário se faz também enfocar as tendências pedagógicas que norteiam a educação no Brasil para que possamos fazer uma análise mais profunda dos determinantes da prática da avaliação da aprendizagem nas escolas.

II - Metodologia

A pesquisa teórica aqui realizada foi direcionada pelo método de análise de conteúdo, que nos proporcionou condições de trabalhar as informações contidas nos referenciais teóricos representados por textos isolados, produção bibliográfica e nas pesquisas já exis-

tentes relacionadas à avaliação da aprendizagem em Educação e em Educação Física especialmente, publicados a partir de 1980 e disponíveis nas instituições que oferecem cursos de pós-graduação, em Vitória, Espírito Santo.

O caminho percorrido envolveu três etapas básicas:

.Pré-análise - organização do material a ser pesquisado.

.Descrição analítica - estudo aprofundado do material a ser pesquisado, orientado para a identificação das concepções relacionados ao objeto de estudo.

.Interpretação referencial - maior intensidade e aprofundamento da análise do material disponível, tentando desvendar o conteúdo latente que eles possuem. Ao contrário da análise apenas do conteúdo manifesto que se apóia em dados quantitativos numa tendência positivista, a análise do conteúdo latente é dinâmica, estrutural e histórica, e, portanto ligada a uma concepção materialista dialética, onde se faz "o estudo da ideologia e suas vinculações, com variáveis complexas da vida social, como os modos e relações de produção e as classes sociais e suas formações históricas em determinadas sociedades". *(BARDIN apud TRIVINOS, 1987. p. 162).*

III - Aspectos a Serem Considerados na Avaliação da Aprendizagem

Os procedimentos adotados pelos professores apoiados em diferentes concepções e possibilidades docentes, envolvem aspectos técnicos, humanos, políticos e sociais.

1. Aspectos técnicos - nos direcionam a como fazer, ao aspecto metodológico, ao "como" avaliar, aos instrumentos utilizados e aos critérios adotados para a verificação da aprendizagem.

2. Aspectos humanos - se referem à área afetiva da avaliação, sua influência na vida das pessoas (alunos e professores). Devem ser levados em conta os valores de quem é avaliado e deve-se ter muito claro o "porquê" avaliar; aí estão embutidos os sentimentos, atitudes, valores, sensibilidades não muito explicitados nos conteúdos ensinados na escola.

3. Aspectos políticos - são considerados a parte da avaliação mais discutida atualmente Pela dimensão política passam as questões mais complexas, porque é o aspecto da avaliação que não é transparente, palpável, está diretamente ligado a posições ideológicas dos fins educacionais. *(Gonçalves, 1990)*

Através de pesquisas já realizadas por *Souza (1991), Ludke e Mediano (1992), Silva (1992), Domingues (1985)* constatou-se que a avaliação tem sido utilizada sobretudo para continuar discriminando aqueles que socialmente já nascem discriminadas pela própria condição econômica e cultural.

Segundo *Prado de Souza (1991)* essa prática discriminatória e seletiva, visa atender aos propósitos de uma estrutura educacional baseada em pressupostos teóricos próprios da sociedade capitalista, onde a instituição escolar se insere. Prática essa que não atenua a diferença social dos alunos oriundos das classes sociais mais desfavorecidas, ao contrário, acentua o processo de seleção e manutenção da hierarquia social. A concretização dessa perspectiva se dá quando a escola não vincula o saber escolar ao saber do senso comum, não respeitando a cultura de origem dos alunos.

E *Taffarel et al (1992)* em estudos realizados na disciplina "Avaliação do Ensino: Ideologia e Procedimentos", sob a orientação do Professor Dr. Luiz Carlos de Freitas, nos dá uma indicação de como a avaliação tem se processado no interior da escola capitalista e como tem contribuído para a reprodução da hierarquia social: ***"No entanto, esse processo seletivo não é declarado nem assumido pela instituição escolar: ele é camuflado e dissimulado, passando a ilusão de igualdade de oportunidades. A questão, nessa perspectiva, ignora o fato de que "dar oportunidades" não significa que haja condições de permanência no processo, e remete a análise do significado da avaliação para os fatores meramente técnicos e pessoais daqueles que dele participam.*** *(p. 12)*

Sob essa ótica, é explicitado o insucesso do aluno. A cobrança é feita somente em cima do aluno que não estuda, que não se aplica e não tem vontades e aptidões declaradas.

E continua: ***"Entre as famílias, a escola incute tais explicações, levando-as a compreender o fenômeno do insucesso escolar, nos limites da culpa pessoal, do mérito que seus filhos não souberam conquistar, principalmente por apresentar a avaliação como um veredicto escolar incontestável."*** *(p. 12).*

Eficientemente acobertada por essa ideologia, a escola não se dá conta de que aqueles que "sofrem" com essa forma de seleção são aqueles oriundos das famílias da classe trabalhadora pobre, que são dominados por uma classe social privilegiada que se apropria da cultura dominante e, portanto, exerce poder sobre aqueles que não conseguem usufruir dessa mesma cultura.

Quando concordamos anteriormente com afirmações feitas por vários autores e nos reportamos a nossa intenção de analisarmos a dimensão política da avaliação da aprendizagem e suas intenções ocultas em relação ao processo ensino-aprendizagem, o fazemos por entender que a instituição escolar, na verdade, oculta esse processo seletivo, reproduzindo as desigualdades sociais, quando não possibilita o acesso ao capital cultural que daria embasamento para a verdadeira condição de luta na sociedade e no mercado de trabalho.

E a avaliação do ensino, nesse contexto, é responsável quando em vez de concorrer para que a aprendizagem se estabeleça, está mais preocupada em aprovar ou reprovar o aluno, com o professor exercendo o seu poder incontestável de dono do saber.

E *Taffarel et al (1992)*, assim se posiciona mais uma vez: ***"A realidade da avaliação do ensino na escola capitalista, despida das suas aparências aponta para a dialética da eliminação/manutenção. Por meio da avaliação, os filhos da classe dominante são mantidos no seu percurso escolar, mesmo que existam limitações pessoais a serem atendidas, porque a avaliação se torna um diagnóstico de suas dificuldades; por meio da avaliação, os filhos da classe dominada são eliminados, porque a origem de suas dificuldades socialmente determinadas precede o percurso do estudo, e as dificuldades genuinamente escolares, não são identificadas e atendidas".*** *(p. 14).*

Também complementam essas informações pesquisas realizadas por *Lean de Souza (1991)* com professores de escolas de 1º grau - 5ª a 8ª séries - da rede pública estadual de ensino, do município de São Paulo e a pesquisa realizada por *Prado de Souza (1991)* com especialistas da área de avaliação em relação aos valores implícitos na avaliação.

4. Aspectos sociais - a abordagem que queremos fazer é a relação que existe entre a educação e o trabalho e sua vinculação com a avaliação da aprendizagem no interior da escola capitalista.

Um autor que merece ser citado, apesar de não ter feito questionamento direto sobre a avaliação escolar, é o sociólogo espanhol Mariano F. Enguita, cuja obra nos fala da "Face Oculta da Escola: Educação e Trabalho no Capitalismo". *Enguita (1989)* assim se manifesta: ***"(...) A escola contribui para que os indivíduos interiorizem seu destino, sua posição e suas oportunidades sociais como se fossem sua responsabilidade pessoal Assim, os que obtêm as melhores oportunidades atribuem-nas a seus próprios méritos e os que não obtêm consideram que é a sua própria culpa. As determinações são ocultadas por detrás de diagnósticos individualizados, legitimados e sacralizados pela autoridade escolar."*** *(p.193)*

Essas considerações feitas por Enguita, dizem respeito ao papel da escola nas relações sociais, e como os indivíduos se comportam diante das condições sociais em que são geridos, provocando o conformismo e a aceitabilidade de um modelo de vida, cerceando "suas potencialidades de resistência e colocando obstáculos à sua capacidade de resposta." (p. 191).

Enguita (1989) cita *Bourdieu* e *Passeron (1970 p. 104)* que identificam a escola enquanto lugar ideal para que o processo seletivo que a avaliação provoca se torne o

mecanismo privilegiado por ela para continuar hierarquizando os alunos, estimulando a competição individual em detrimento do coletivo e distribuindo, assim, desigualmente, as oportunidades escolares e sociais.

Outro fator importante a ser analisado, segundo *Enguita*, são as **motivações extrínsecas** que residem fora da educação e que determinam o porquê de se associar o ensino às notas ou aos títulos, fazendo do trabalhador um ser alienado com relação ao processo e produto do seu trabalho, os quais se refletem na escola através das motivações que ele tem para estudar. No trabalho, ele precisa de motivação para trabalhar e ter êxito. Essa motivação vem do salário, dos benefícios que se traduzem em prêmios, etc. Na escola, a motivação para estudar se traduz em recompensas de prestígio diante do professor, dos colegas, de boas notas, enfim, de aprovação.

O importante é ter êxito. "Através das motivações extrínsecas os estudantes são levados a aceitar uma gama de atividades pouco ou nada significativas, rotineiras e desprovidas de interesse. Esta aprendizagem prepara-os para fazer o mesmo no dia de amanhã, quando se encontrarem na mesma relação com seu trabalho, e para fazê-lo sem atritos. É a aprendizagem da chateação, da monotonia, da dissociação interior da própria atividade, necessária para que alguém aceite sacrificar em troca de qualquer coisa as melhores horas de sua vida" *(p. 195)*.

Outra consideração interessante de *Enguita*, e que não poderíamos deixar de abordar, é sobre a competição existente no interior da escola, fruto da relação educação/trabalho numa sociedade capitalista. Os trabalhadores são incentivados a competirem por melhores salários, promoções, prêmios por produtividade, etc. Na escola, os alunos são incentivados a competir por melhores notas, levando-os ao individualismo, à auto-estima e também a uma valorização diante do grupo. O argumento do autor é mais enfático ao analisar o cotidiano da escola onde são valorizados termos como "solidariedade", "cooperação", e "trabalho em equipe". No entanto, observa-se que, na verdade, a competição é incentivada através das notas, provocando entre alunos uma verdadeira batalha para ver quem melhor se coloca diante do grupo. "A publicação de cada nova rodada de notas supõe uma relocalização simbólica dos indivíduos dentro do grupo" *(p. 197)*.

Portanto, segundo o autor, o que impera na escola é um individualismo próprio da sociedade capitalista onde cada qual deve fazer o seu trabalho e não se envolver com os outros, em contraposição a uma coletivização que geraria resistência do grupo a uma cultura escolar que não atendesse aos anseios da classe popular.

Esse quadro analisado pelo autor deixa claro que a idéia é a preparação do terreno para que no futuro, ao se verem diante do mundo do trabalho, as pessoas não consigam se solidarizar umas com as outras, gerando daí um agrupamento que se fortaleceria para lutar por seus direitos.

Outro aspecto a ser analisado é, segundo o autor, a dimensão da avaliação onde o educando é constantemente avaliado por outras pessoas, onde ele aprende a ser ***"medido, classificado, rotulado"***. A escola é o lugar ideal para incutir nas crianças que a sua valorização pessoal depende da avaliação que as outras pessoas fazem delas.

(...) "A instituição escolar é o cenário no qual aprendemos a substituir nossa auto-estima pela avaliação que os demais fazem de nós, a conformar a primeira à segunda ou, o que dá no mesmo, a deixar que os outros decidam nosso valor". *(p. 204)*.

Essa citação do autor deixa claro que o aluno está exposto a ser julgado pela autoridade que é o professor e também pelos colegas, levando-o a uma indagação constante de sua competência e a de seus colegas. Estão também embutidos aí, valores de quem avalia, o "que", "para quê" e "como" avaliar.

Isto está demonstrado em pesquisa feita por *Ludke e Mediano (1992)*, sobre Avaliação na Escola de 1º Grau, sobre o "que" avaliar, onde os professores manifestavam a preocupação de "avaliar tudo" no aluno e puderam observar como, na atribuição dos conceitos, os aspectos cognitivos influenciavam fortemente.

Quando discutimos o "para quê" avaliar, devemos ter em conta, ser essa, uma dimensão da avaliação muito importante, e mais uma vez nos apoiamos em *Enguita (1989) e Luckesi (1984).*

A esse respeito *Luckesi* se posiciona analisando como a avaliação tem sido usada dentro da escola, fazendo referência à avaliação enquanto *Diagnóstica* e *Classificatória.* Ao ser usada como *classificatória*, ela congela o objeto ou o ser humano histórico num padrão definitivamente determinado, ou seja, rotula o educando em inferior, médio ou superior, não auxiliando em nada o avanço e o crescimento, constituindo-se portanto ***"num instrumento estático e frenador do processo de crescimento."***

Ao contrário dessa avaliação, a diagnóstica propicia ao professor e ao aluno um momento dialético de avanço e crescimento para a autonomia, para a competência, contribuindo assim para que se tenha clareza das perspectivas que ambos têm pela frente, provocando uma tomada de decisões quanto aos passos a serem dados para atingir os objetivos a serem alcançados.

A função classificatória da Avaliação serve, na verdade, para confirmar a reprodução de um modelo social pertinente a uma sociedade liberal e conservadora, na qual a distribuição social das pessoas é predeterminada: ***os que são considerados "bons", serão "bons", os "médios" serão "médios", e os "inferiores" serão "inferiores"***, ou seja, a maneira como a escola "usa" a avaliação não provoca nenhuma modificação da distribuição social das pessoas, não auxiliando portanto a transformação social.

IV - A Prática Pedagógica no Brasil e Determinantes para a Avaliação da Aprendizagem

As pedagogias adotadas pela educação brasileira até então, não têm trazido contribuições no sentido de conscientização para a transformação e sim continuam reproduzindo valores como autoritarismo e disciplina, próprios do modelo de sociedade brasileira, para o qual esse tipo de avaliação é, segundo *Luckesi (1992),* "... útil, funcional e adequado."

Na década de 80, dois educadores se destacaram no estudo das pedagogias que vêm norteando a educação brasileira nos últimos cinqüenta anos. São eles ***Demerval Saviani e José Carlos Libâneo,*** que classificaram as tendências em ***não-críticas e crítico-reprodutivas*** *(Saviani, 1985)* e ***liberais*** (tradicional, renovada progressivista, renovada não diretiva e tecnicista) e ***progressistas*** (libertária, libertadora e crítico-social dos conteúdos) *(Libâneo, 1986).*

O que nos interessa na verdade, ao citarmos as tendências pedagógicas, é analisarmos sua postura em relação à Avaliação da Aprendizagem em Educação e em Educação Física.

A Pedagogia Liberal Tradicional usa como método a aula expositiva e ao aluno cabe ouvir e aprender. O professor é que detém o saber. A avaliação da aprendizagem nesse contexto é feita através de uma verificação quantitativa da extensão em que o aluno adquiriu os conteúdos abordados. O uso da medida do rendimento como maneira de se avaliar o aluno leva à desvalorização do conceito de avaliar.

Em relação à Educação Física, *Costa (1987),* nos esclarece: ***"No que concerne à avaliação, apenas resultados do produto são valorizados. Esse produto é representado, predominantemente, por desempenho motor, com o objetivo de selecionar indivíduos com alta aptidão para os diferentes esportes".*** *(p. 20).*

As Pedagogias Renovadas, pelo contrário, não se preocupam com a quantidade de conteúdos adquiridos, mas sim o processo pelo qual esses conteúdos foram adquiridos; com a "qualidade do ensino".

A avaliação nesse contexto, é voltada para a predominância do qualitativo sobre o quantitativo, os aspectos formativos tomam outra conotação e passam a ser considerados o interesse, a participação, a assiduidade do aluno. A avaliação é feita mais pela observação do rendimento do aluno do que através de testes e provas. A Educação Física nessa concepção, entendida como ***"disciplina educativa por***

excelência", segundo *Ghiraldelli (1991, p.27)*, busca dentro de uma tendência que ele denomina de Pedagogicista, redimensionar sua prática apoiada em modelos americanos, influenciada pelas teorias escolanovistas.

Como esclarece o autor: (...) ***"Tais novas formas de pensamento vão instaurar uma apologia da Educação Física enquanto "centro vivo" da escola pública, responsável por todas as particularidades "educativas" das quais as outras disciplinas, as "instrumentais", não poderão cuidar. As fanfarras da escola, os jogos intra e inter-escolares, os desfiles cívicos, a propaganda da escola na comunidade, tudo isso apenas passa a ser incumbência do professor de Educação Física."*** *(p. 29)*.

A Pedagogia Tecnicista toma corpo na época do "boom" industrial. Está, portanto, ligada à questão da automação e da divisão do trabalho. Era importante que as habilidades, atitudes e conhecimentos dos indivíduos fossem organizados pela escola para que o domínio de tais aspectos fossem usados pela indústria para a mão-de-obra especializada que o sistema industrial exigia.

A avaliação nesse contexto volta a ter ênfase no quantitativo, e os aspectos avaliados são direcionados pelos objetivos propostos e esperados pelo professor. Verifica-se o produto e não o processo. O meio e a técnica empregados só são apreciados para ver até que ponto as mesmas garantem o recebimento da informação. A ênfase é na transmissão/recepção de informações. O ensino é diretivo e os meios instrucionais impedem o crescimento do aluno em relação ao seu processo crítico.

A esse respeito, *Costa (1987)*, argumenta em relação à Educação Física: ***"A busca do alcance de objetivos de ensino fragmentados nos domínios psicomotor, cognitivo e psico-social, o emprego de procedimentos metodológicos diretivos durante o ensino, a redução da avaliação à medida comparada a grupo de norma, predominantemente no domínio psicomotor, o uso quase que exclusivo de avaliação somativa do processo de aprendizagem, negligenciando a avaliação formativa e a exclusão da participação dos alunos no processo de tomada de decisão, denotam o caráter tradicional e mesmo reacionário da Educação Física praticada na escola".*** *(p. 22)*.

Nesta concepção, a avaliação privilegia o julgamento do comportamento dos alunos, onde o objetivo final é a mudança deste comportamento.

Na prática escolar, os objetivos do professor relacionados aos conteúdos levam a uma mera verificação através de testes do alcance destes objetivos pelos alunos.

As Pedagogias ditas Progressistas, são vistas de forma a conduzir o processo de assimilação dos conteúdos de uma maneira consensual, pois percebem a escola preocupada com a seleção e a organização desses conteúdos voltados para a realidade social, onde o aluno está inserido, e a utilização dos mesmos para a reconstrução da sociedade.

Neste contexto, a avaliação da aprendizagem está voltada para o aspecto qualitativo, mas diferentemente das Pedagogias Renovadas, o processo crítico do aluno é trabalhado no sentido de levá-lo a uma conscientização de sua realidade social e a uma possível transformação da mesma. A apropriação dos conteúdos é vista como fundamental para a emancipação, para a participação democrática na sociedade. A avaliação passa a ser vista como processo participativo e coletivo, onde alunos, professores, comunidade, todos se envolvem no processo desenvolvido. Avalia-se a escola como um todo, como instituição a serviço da população.

A Pedagogia dita Libertadora, cujo mentor é Paulo Freire, prega uma educação voltada para o diálogo onde os conteúdos devem emergir da problematização da prática da vida dos educandos, portanto a avaliação neste contexto é somente da prática vivenciada entre educador-educando, no processo do grupo e, às vezes, a auto-avaliação feita em termos dos compromissos assumidos com a prática social.

A Pedagogia Libertária por sua vez não dá ênfase à avaliação formal e segundo *Libâneo (1986)*, "somente o vivido, o experi-

mentado é incorporado e utilizável em situações novas. Assim, o critério de relevância do saber sistematizado é seu possível uso prático. Por isso mesmo, não faz sentido qualquer tentativa de avaliação da aprendizagem, ao menos em termos de conteúdo." *(p.38).*

A Pedagogia denominada Crítico-Social dos Conteúdos, segundo *LIBÂNEO (1986)*, visa "(...) desenvolver a capacidade de processar informações e lidar com os estímulos do ambiente, organizando os dados disponíveis da experiência (...). Resulta com clareza que o trabalho escolar precisa ser avaliado, não como julgamento definitivo e dogmático do professor, mas como uma comprovação do seu progresso em direção a noções sistematizadas."*(p.42).*

Complementando essa análise, deixa claro que a avaliação não se resume em realizar provas e atribuir notas, mas deve cumprir sua função de diagnóstico e controle, recorrendo para isso aos instrumentos de verificação do rendimento escolar, para levantar dados que possibilitem uma apreciação qualitativa de quem está sendo avaliado.

LUCKESI (1990) ao fazer uma conceituação de Verificação e Avaliação assim manifestou: "o processo de verificar, configura-se pela observação, obtenção, análise e síntese dos dados e/ou informações que delimitam o objeto ou ato com o qual se está trabalhando", portanto delimitando o ato de avaliar à configuração do objeto a ser avaliado.

O conceito " avaliação", no entanto, "é formulado a partir das determinações da conduta de "atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação", provocando uma posição de quem avalia, positiva ou negativa, ou seja, exigindo posição favorável ou desfavorável ao objetivo de avaliação, obrigando o avaliador a tomar uma decisão em relação ao que está sendo avaliado.

Com relação à Educação Física, alguns autores têm estudado essa problemática e se posicionado com propostas pedagógicas que podemos considerar dentro de uma visão progressista, onde o homem situado historicamente é o responsável pela transformação da sua realidade social.

COLETIVO DE AUTORES (1992), no capítulo "Avaliação do processo ensino-aprendizagem", enfoca o problema sob uma ótica de um redimensionamento desse processo, considerando os aspectos nele embutidos: "significações, implicações e conseqüência pedagógicas, políticas e sociais". *(p.103).*

Sua proposta de avaliação do ensino-aprendizagem em Educação Física, está baseada na perspectiva da reflexão de uma pedagogia crítico-superadora e nos aponta uma concepção onde a avaliação "não se reduz a medir, comparar, classificar e selecionar alunos, muito menos à análise de condutas esportivo-motoras, de gestos técnicos ou táticos". *(p.19).*

E nos chama a atenção para a ênfase que se dá à busca do talento esportivo e ao aprimoramento da aptidão física, "condicionando, em parte, a aula e o processo avaliativo, transformando a Educação Física escolar numa atividade desestimulante, segregadora e até aterrorizante, principalmente para os alunos considerados menos capazes ou não aptos, ou que não estejam decididos pelo rendimento esportivo". *(p.100).*

Em sua proposta de avaliação esses autores apontam aspectos que merecem relevância e não devem deixar de ser considerados e reconsiderados. São eles: "o projeto histórico, as condutas humanas, as práticas avaliativas, as decisões em conjunto, o tempo pedagogicamente necessário para a aprendizagem, a compreensão crítica da realidade, o privilégio da ludicidade e da criatividade, as intencionalidades e intenções, a nota enquanto síntese qualitativa, reinterpretação e redefinição de valores e normas". *(p.103, 106).*

Aspectos esses que vão influenciar no trabalho pedagógico, e que têm suas implicações metodológicas:

- **No fazer coletivo:** a avaliação da Educação Física deve estar de acordo com a Avaliação da Instituição como um todo, na busca de uma unidade de ação.

- **Nos conteúdos e metodologia:** os conteúdos e metodologia devem estar constantemente sendo analisados: seus critérios de se-

leção, organização, transmissão e avaliação.

- **Nas normas e critérios:** não avaliar somente os aspectos relacionados à aptidão física, ao desempenho esportivo competitivo, à performance, mas sim relacionar a avaliação a um contexto mais amplo.

- **Nos níveis de desenvolvimento dos alunos:** considerar os níveis de desenvolvimento dos alunos, estabelecendo uma avaliação voltada para o respeito ao estágio em que se encontram.

- **No redimensionamento do processo de ensino:** o professor deve superar a verificação e passar a avaliar, de acordo com as diferenças individuais de cada aluno.

- **Na emissão do conceito:** não considerar o conceito como uma nota que traduz o desempenho do aluno (conhecimento, habilidades, atitudes) somente em sua aparência, mas levar em conta os determinantes de tais desempenhos.

- **Nas fontes de dados quantitativos e qualitativos:** considerar a inter-relação que existe entre o quantitativo e o qualitativo.

- **Na utilização de instrumentos:** devem ser utilizados instrumentos bem elaborados, onde professores e alunos participam na tomada de decisões.

- **Nos eventos avaliativos:** considerar não só o aspecto "formal" da avaliação que se traduz em instrumentos, formas, conteúdos, conhecimento, habilidades e atitudes a serem avaliados, mas considerar também a avaliação "informal" que ocorre na escola através de gestos, olhares e maneiras de falar do professor que vão influir no processo ensino-aprendizagem. *(p. 103, 106).*

Podemos situar essa proposta de uma nova metodologia e de uma nova significação da avaliação do processo ensino-aprendizagem, dentro de uma tendência emergente na Educação Física chamada por *Cavalcanti (1985)*, citado por *Bracht (1992)*, de Educação Física Revolucionária, que assim se manifesta: ***"A concepção crítica ou revolucionária da Educação Física vem ensaiando os primeiros passos, porém ainda muito fragmentada. O que diferencia essa tendência de todas as outras descritas anteriormente, é o fato dela realizar a crítica da Educação Física a partir de sua contextualização na sociedade capitalista, operando tal crítica a partir da tradição teórica do marxismo e, assim ressaltando a dimensão política da Educação Física." (p. 27, 28).***

V - Considerações Finais

Quando nos propusemos a discutir "Avaliação da Aprendizagem em Educação Física", nossa primeira preocupação foi fazer uma reflexão aprofundada sobre o porquê dos estudos específicos sobre o tema.

Não seria possível fazermos uma análise mais profunda se não tivéssemos uma compreensão de sua totalidade, partindo daí para uma apreensão mais significativa do tema, tentando sair da visão simplista para uma visão crítica mais apurada, tentando desvelar o porquê, as causas e suas conseqüências no interior da escola inserida num contexto capitalista.

E ao fazermos a análise do conteúdo proposto, nos deparamos com uma realidade que a nosso ver, configura-se como determinante para uma avaliação da aprendizagem em Educação Física do jeito como é vista hoje.

Parte dos atores do processo avaliativo, ou seja, os professores que atuam nas escolas, nem sempre percebem as falhas do processo, a ponto de criticá-las, exercendo uma prática avaliativa autoritária, improvisada e arbitrária. Isso é decorrente de uma prática da Educação Física desvinculada de uma teoria que a legitime no interior da escola, carecendo de uma fundamentação teórica que realmente a sustente.

Vários estudiosos da área, têm colocado a Educação Física na pauta das discussões, para melhor entendê-la a partir de uma cultura corporal ligada ao papel do ser humano no contexto histórico e, portanto, vinculando-a a uma estrutura social dinâmica, dialética, em que o conflito seja a forma mais presente para um processo de transformação da sociedade em que vivemos. E esse processo de trans-

formação só será possível se incluirmos a Educação Física no universo da escola como componente curricular com a mesma importância e significado das outras disciplinas.

Portanto, a forma, o como avaliar na Educação Física tem que ter a mesma fundamentação teórica que sustenta os outros componentes curriculares, na tentativa de superação dos aspectos da legislação que fazem com que a Educação Física seja diferente, trazendo com isso desprestígio no interior da escola.

Os educadores que optarem por essa nova maneira de encarar a Educação Física, devem fazer sua opção, não a favor da permanência, mas a favor de uma mudança refletida e embasada que vá determinar seu método e suas técnicas de trabalho, dentro de uma realidade em que forças contrárias atuam sempre no sentido da não-transformação, da estabilização, do "***status quo***".

E essa mudança só será possível se passarmos a desenvolver um ensino-aprendizagem da Educação Física e avaliá-lo, questionando as metodologias tradicionais e analisando pressupostos teóricos dessa prática e a que contexto histórico vem servindo.

Para que possamos alargar nossos horizontes temos que direcionar nossa prática em busca de nova metodologia ligada a pressupostos teóricos que visem uma conscientização recíproca, onde professores e alunos exercitem o aprendizado social de forma crítica e participativa, visando a formação de seres críticos, independentes e criativos.

Isso posto, algumas recomendações se fazem necessárias para uma efetiva contribuição ao processo de mudança:

* que os profissionais da área de Educação Física busquem maiores esclarecimentos referentes ao componente educativo da disciplina;

* que os profissionais da área se organizem em grupos de estudos para melhor se fundamentarem sobre os princípios, métodos e técnicas de medir e avaliar e para o estabelecimento de critérios sistemáticos para a avaliação na área de Educação Física;

* que se estabeleçam objetivos junto com os alunos que possam ser alcançados através dos conteúdos propostos pela escola, resgatando a cultura corporal existente fora dela, ampliando a visão dos educadores em termos de práticas corporais;

* que os professores adotem a forma dialógica e participativa de avaliação, visando um esclarecimento maior para os alunos do como, do por quê e do para que de qualquer atividade a ser desenvolvida nas aulas, refletindo com eles a contextualização social e política do movimento que estejam executando;

* que os professores façam uso da avaliação diagnóstica com o objetivo de reorientar o ensino em direção a um novo entendimento daquilo que não foi aprendido pelo aluno;

* que os professores trabalhem no sentido de direcionar sua prática avaliativa para um desenvolvimento do coletivismo em detrimento do individualismo, do entendimento do princípio da relatividade das regras em detrimento das verdades absolutas que podem ser modificadas e no princípio da igualdade em detrimento da seletividade discriminatória sobre a competição doentia que leva a esse tipo de comportamento.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar os conteúdos escritos sobre o tema "Avaliação da Aprendizagem em Educação Física" sob uma ótica qualitativa, onde se fez uma pesquisa teórica que nos possibilitou levantar esclarecimentos acerca da problemática da avaliação no interior da escola de 1º grau do ensino fundamental, privilegiando a reunião de informações oriundas da descrição teórico-prática da avaliação da aprendizagem em geral e em especial da educação física que venham servir de norteamento para um redimensionamento da prática pedagógica.

Evidenciamos no estudo feito, que não há grandes destaques na área específica da educação física em relação à avaliação da aprendizagem e à manifestação das intenções ocultas da avaliação e sua relação com o processo ensino-aprendizagem, em função da falta de criticidade de se ver e desenvolver a educação física na escola, onde a prática existente privilegia os já "aptos".

Os professores precisam contextualizar historicamente o ensino da Educação Física para melhor entenderem a avaliação da aprendizagem e seus determinantes.

Embora Educação esteja na composição do nome EDUCAÇÃO FÍSICA, a prática escolar não destaca a dimensão altamente educativa desse componente curricular.

Referências Bibliográficas

BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social.* Porto Alegre: Magister, 1992. 122 p.

COSTA, Vera Lucia M. *Prática da Educação Física no 1º grau:* modelo de reprodução ou perspectiva de transformação? São Paulo: Ibasa, 1987.

ENGUITA, Mariano Fernandes. *A face oculta da escola:* educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física progressista:* a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. 3 ed. Loyola, 1991. 63 p. (Coleção Espaço, v. 10).

GONÇALVES, Obéd. Avaliação da aprendizagem: panorama técnico, humano e político. In: ESPÍRITO SANTO, Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Departamento de Apoio Técnico e Pedagógico. *Proposta curricular para o ensino fundamental:* núcleo comum. Vitória, 1990.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação - mito e desafio:* uma perspectiva construtivista. 3 ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991. 128 p.

LEAN DE SOUZA, Sandra Zákia. A prática avaliativa na escola de 1º grau. In: SOUZA, Clarilza Prado de (Org) *Avaliação do rendimento escolar:* sedimentação de significados: Campinas: Papirus, 1991.

LIBÂNIO, José Carlos. *Democratização da escola:* a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1986. 149 p. (Coleção Educar, 1)

LIBÂNIO, José Carlos. *Didática.* São Paulo: Cortez, 1991. 261 p. (Coleção Magistério 2. grau. Série formação de professores)

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação educacional escolar:* para além do autoritarismo. Porto Alegra, 1984. Forum de debates no XVI Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional. mimeografado.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Verificação ou avaliação: o que pratica a escola? *Caderno de Idéias,* São Paulo, n. 8, 1990.

LUCKESI, Cipriano Carlos. A cultura dos testes. *Dois Pontos,* Brasília, D.F., v. 1, n. 12, 1992.

LUDKE, Menga, MEDIANO, Zélia (coord.). *Avaliação na escola de 1º grau:* uma análise sociológica. Campinas: Papirus, 192. 162 p.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia.* São Paulo: Cortez, 1985.

SILVA, Aída Maria Monteiro. A escola pública de 1º grau: limites e possibilidades. *Estudos em Avaliação Educacional,* São Paulo, n.5, 1992.

SOARES, C. Lúcia et al. *Metodologia do ensino de Educação Física.* São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Clarilza Prado de (Org.) *Avaliação do rendimento escolar:* sedimentação de significados. Campinas: Papirus, 1991.

SOUZA, Nádia Pereira de. Avaliação na Educação Física. In: VOTRE, Sebastião Josue (Org.) *O discurso dos atores das Educação Física* (no prelo)

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke et al. *Avaliação do ensino:* das representações no real concreto. Campinas: UNICAMP, 1992. mimeografado

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:* a pesquisa qualitativa em educação: positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.